

ECONOMIA VERDE

*** Roberto Rodrigues**

Em seu discurso no Parlamento norte-americano, o primeiro ministro britânico Gordon Brown deu contornos mais nítidos à tese de o mundo aproveitar a crise financeira atual para mergulhar num vigoroso projeto de economia verde. A idéia não é nova, e vem crescendo dentro do tema da sustentabilidade (nas suas 3 vertentes, a econômica, a social e a ambiental) e sob a recorrente perspectiva do aquecimento global.

O Presidente Barack Obama, afinado com a tese, vem colocando como condição aos financiamentos de projetos na área de energia, que a renovável seja ampliada dentro da matriz energética. É o mesmo conceito de desenvolvimento verde, com energia limpa.

O tema é do maior interesse para o agronegócio brasileiro.

Abre uma oportunidade imensa para a agroenergia e para os biocombustíveis. O etanol, cujos produtores estão metidos numa crise profunda – que o governo finalmente compreendeu e começa a ajudar a resolver com warrantagem e capital de giro – pode ganhar neste projeto de economia verde um espaço muito maior do que o imaginado, particularmente na Europa de Brown.

A bioeletricidade também cresce de importância dentro do sistema, de modo que os horizontes para a agroenergia se ampliam, incluído o conceito que vimos difundido na mudança da geopolítica global, definido pela produção de agroenergia pelos países pobres entre os trópicos.

Por outro lado, a idéia da economia verde tromba, em boa parte, com as tecnologias convencionais para a produção agrícola em geral. O uso de adubos químicos, de defensivos, de transgênicos, entre outros insumos, será mais questionado no modelo proposto. E, sem dúvida nenhuma, crescerá a demanda por produtos rastreados e certificados pelo novo padrão.

É preciso olhar tudo isso com muito bom senso. A busca de novas tecnologias, mais sustentáveis, será uma necessidade, e precisamos investir recursos vultosos nesta direção. O Brasil tem competência para surfar esta onda contemporânea criando mais riquezas para seus cidadãos e dando exemplo ao mundo.

Vivem nos imputando lá fora a destruição da floresta amazônica.

Vamos revidar, comandando, com agroenergia e tecnologias sustentáveis na produção rural, a nova economia verde.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**